

# *Círculos Operários no Ceará: uma ausência historiográfica*

Jovelina Santos  
Universidade Federal do Ceará

## RESUMO

Este artigo debruça-se sobre trabalhos acadêmicos que tratam dos círculos operários, além de outros que abordam temáticas afins, indicando alguns vieses dessa produção, tomando como base a pesquisa que ora desenvolvo sobre o circulismo cearense. Objetiva ainda abordar alguns aspectos da organização circulista no Ceará, nos seus primeiros anos, o que possibilita perscrutar diferentes caminhos construídos e trilhados pelos trabalhadores cearenses em sua trajetória histórica.

## PALAVRAS-CHAVE

Círculos Operários – historiografia – catolicismo social.

## ABSTRACT

This article discourses on academic works that are a matter of “círculos operários” (a kind of work’s organization) and similar subjects that appoint some this production aspects, taking basis the research than I make about the “circulismo cearense”. This article also discourses about some of this organization in it first years. This make possible to investigate ways built by workers in Ceará, Brazil, in their historic trajectory.

## KEYWORDS

Historiography – social catholicism – labourism

---

Para introduzir uma pesquisa sobre o *circulismo* no Ceará, é preciso trazer à tona um debate já bastante exaustivo, em que muitos pesquisadores pretendem generalizar o que limitou-se especificamente às regiões sul e sudeste, com ênfase no eixo Rio-São Paulo, como paradigma explicativo para todo o país. As sugestões metodológicas de Sílvia Petersen para superação dessa

limitação é de que as pesquisas regionais ultrapassem suas fronteiras para “descobrir vínculos múltiplos perdidos que podem enriquecer o perfil de processos e atores sociais já tão descaracterizados na memória historiográfica”.<sup>1</sup> Para reafirmar a pertinência dessa discussão, trago ainda outra citação de Sílvia Petersen em que a autora indica a “articulação dos resultados das pesquisas regionais” como um recurso metodológico que poderia possibilitar um outra dimensão de análise da história operária no Brasil:

Se for verdade que o crescimento econômico e social pode ser impulsionado por um eixo específico (setor industrial, região ou categorias específicas), o entendimento do processo não se dá com análise exclusiva desse eixo. [...] Assim estender ao Brasil os resultados de um estudo regional baseado nos casos do Rio de Janeiro ou São Paulo tem escasso valor para o entendimento dos matizes regionais. A prática da história regional [...] pode servir para destruir concepções gerais que parecem definitivas e que foram incorporadas a tantos livros, artigos e conferências. [...] Em suma, quero explorar as virtualidades do caminho que cruza a fronteira dos estudos regionais, tanto para perceber a especificidade desses casos, no sentido do próprio estabelecimento de diferenças, como fazer aparecer processos mais globais, cuja percepção se dilui nas análises simplesmente regionais, questões que tomadas no âmbito regional perdem seu possível significado.<sup>2</sup>

As observações de Sílvia Petersen são importantes para a reflexão do trabalho historiográfico sobre os círculos operários, na medida em que esta produção está centrada nas regiões sul e sudeste. Encontro, num artigo de Álvaro Barreto, proficiente balanço da historiografia circulista, analisando quatorze trabalhos, incluindo artigos, dissertações e teses.<sup>3</sup> O recorte espacial das pesquisas referendam a assertiva em torno das regiões sul e sudeste como centros hegemônicos da produção historiográfica sobre o circulismo. Outro elemento significativo, neste balanço historiográfico, é a caracterização do âmbito dessas pesquisas. Para que se compreendam suas tendências de abordagem, Álvaro Barreto classifica-as em três grupos, de acordo com as proposições dos trabalhos.

As reflexões de Álvaro Barreto atentam especificamente para a análise estrutural das pesquisas e a localização temporal destas, tendo em vista que a predominância é o período compreendido entre 1930 e 1945, fundamentadas em acontecimentos nacionais marcantes. Barreto aponta algumas das “carências da análise estrutural” dos círculos operários notadamente “pela insuficiência teórica da afirmação majoritária de que 1932-1945 foi um período específico da sua trajetória e o mais significativo da mesma”.<sup>4</sup> Além desta questão, o autor ressalva que:

Enquanto a ênfase aos aspectos estruturais faz com que tenhamos uma riqueza de análises e matizes do que significa ou significou o circulismo no contexto nacional, perdeu-se de vista muito da sua trajetória ou dos aspectos factuais de sua existência. Por exemplo: pouco se sabe sobre sua expansão, consolidação e decadência (quando for o caso) do circulismo no país; se a mesma seguiu algum plano prévio ou se deu ao sabor dos acontecimentos; se a Igreja teve um papel decisivo ou não nesse processo.<sup>5</sup>

Estudei ainda outras três recentes pesquisas sobre os Círculos Operários que não constam no balanço da literatura circulista produzido por Barreto. O primeiro deles é o trabalho de George Evergton sobre o Círculo Operário da Bahia, o segundo é o de Damião Farias que discute os Círculos Operários em São Paulo e o terceiro, o mais recente trabalho de Jessie Jane abordando as estratégias elaboradas pela Igreja para garantir sua inserção no mundo do trabalho.<sup>6</sup>

Para os pesquisadores, o primeiro círculo operário nasce no Rio Grande do Sul, na cidade de Pelotas, no ano de 1932. No entanto, a investigação de documentos sobre a organização circulista no Ceará conduz o repensar desse marco já cristalizado nos trabalhos que tratam dos círculos operários. Através destes, apresento a organização circulista no Ceará, iniciada em 1915, com a criação, em sua capital, do Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos,<sup>7</sup> durante o episcopado de D. Manuel da Silva Gomes, primeiro arcebispo deste Estado.

Analisando a historiografia cearense, nota-se a ausência do circulismo como objeto de estudo. Apenas algumas pesquisas fazem referências tangenciais à temática quando abordam questões relativas à organização circulista. Dentre elas, situa-se o proficiente trabalho de Júlia Miranda, que estuda a ação da Igreja Católica brasileira, especialmente o catolicismo cearense, com ênfase na análise do discurso católico. Observo que os Círculos Operários aparecem como importante proposta elaborada e levada a cabo pelo clero cearense, no propósito de recristianizar a sociedade. No entanto, apenas o seu aspecto caritativo é enfatizado.<sup>8</sup>

Apesar de encontrar em Júlia Miranda indicações sobre alguma relação entre os Círculos de Operários e Trabalhadores Católicos e a Legião Cearense do Trabalho, e ainda ter analisado um documento episcopal que estabelecia regras a serem respeitadas pelos circulistas que aderiam ao projeto legionário, causa estranheza que, em dois importantes trabalhos de João Alfredo de Sousa Montenegro<sup>9</sup> que tratam do catolicismo cearense em seu aspecto conservador e sua preocupação social, não se visualize referências ao circulismo local. Não obstante, Montenegro, ao enfatizar o relevante

trabalho de Severino Sombra, na organização da L.C.T, leva a crer que o nascimento dos Círculos Operários, no Rio Grande do Sul, foi influenciado pelo programa legionário cearense, ao explicitar que:

Foi algo que realmente projetou o ilustre cearense no plano nacional. Exemplo frisante disso é a correspondência que recebe do Padre Brentano, grande animador do circulismo, o qual, no Rio Grande do Sul, se mostrava interessado em ter em mãos os documentos a conterem o ideário e a organização da L.C.T. [...] Disso resultaria a fundação pelo sacerdote em apreço dos Círculos Operários naquele Estado.<sup>10</sup>

É no trabalho de Adelaide Gonçalves, uma investigação sobre a imprensa dos trabalhadores no Ceará, que encontro a presença circulista, quando a autora trata de “Educação e controle social”, concebendo ser importante “trazer à cena alguns experimentos relevantes porque demonstrativos da elaboração de projetos de educação e formação profissional destinados à população pobre e trabalhadora em sua face de controle social”.<sup>11</sup> Os circulistas aparecem, nessa pesquisa, como protagonistas de um projeto que, embora estando sob a direção da hierarquia católica, embalou significativa parcela de trabalhadores e operários, que acreditavam numa utopia: construir uma realidade social mais justa e edificá-la harmonicamente, sem conflito social. Ainda neste trabalho, observamos os embates entre a imprensa socialista libertária e a imprensa católica. Os socialistas libertários, ao apresentarem seus princípios e programa, rebatiam as críticas da imprensa católica e seu projeto social, contrapondo-se diretamente ao trabalho desenvolvido pelos circulistas.

As pesquisas realizadas sobre a organização circulista contribuíram sobremaneira para alargar o entendimento do projeto que se expandiu em todo o país a partir de 1937, mobilizando centenas de milhares de trabalhadores, a cúpula eclesiástica, elementos das camadas médias e o próprio Estado. Não obstante, a produção historiográfica sobre o circulismo, que estabeleceu o ano de 1932 como marco inicial do movimento, negligenciou, pelo menos, um aspecto relevante para o conhecimento de sua trajetória histórica: as experiências circulistas que antecederam o ano de 1932.

Os Círculos Operários, no Ceará, tiveram início com o trabalho pastoral de D. Manuel da Silva Gomes, terceiro bispo do Ceará, que assume suas funções em 1912 e já encontra a Igreja Católica cearense adaptada aos moldes da reforma tridentina, portanto com o clero fortalecido, ocupando os cargos de direção nas irmandades, confrarias e santuários. Sua ação pastoral no campo social segue as orientações da *Rerum Novarum*. Logo em

1913, funda o Círculo Católico de Fortaleza, que abriga indivíduos das classes médias.<sup>12</sup> Sem descurar da questão social, organiza o Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos de São José, visando arremeter os trabalhadores de diferentes categorias socioprofissionais, para oferecer-lhes assistência material e espiritual, fundamentado no princípio da caridade e ideal cristão de harmonia social.

Desde cedo, D. Manoel fez da *Rerum Novarum* o guia na elaboração de propostas para as questões sociais e nas relações com o Estado. Na Carta Pastoral de 08 de dezembro de 1912, aponta para os propósitos de sua ação eclesiástica e de como estabeleceria, no plano político, estratégias que aproximassem a Igreja do poder temporal, objetivando exercer alguma influência sobre este, além de receber favores e benefícios. Afirmando a necessidade da convergência dos dois poderes, em vista da similitude de alguns de seus objetivos, o arcebispo dirige-se, em 1912, ao tenente coronel Marcos Franco Rabelo, então Presidente do Ceará:

Somos colaboradores na mesma obra, artífices da mesma empresa, o engrandecimento do Ceará. (...) V. Exa. provê-lhe o bem-estar na terra, e nós, sem descurarmos deste, apontamo-nos sobretudo para a felicidade do céu. Mas, ambos trabalhamos para fazer feliz o mesmo povo. Somos, portanto, colaboradores, e, ainda que em esferas distintas, nossa ação deve ser comum e harmônica.<sup>13</sup>

Ainda para corroborar a assertiva, trago um fato bastante elucidativo: em 1922, a Assembléia Legislativa aprovou emenda tributando cooperativas e organizações congêneres. D. Manoel recorre ao governo do Estado, solicitando isenção do imposto para o Crédito Popular São José- Sociedade Cooperativa coordenada pela Arquidiocese. O governo “fez passar na Assembléia uma sub-emenda isentando o Crédito Popular São José”,<sup>14</sup> fato que demonstra o prestígio político da Arquidiocese e os estreitos laços com o poder estatal.

É no contexto dos primeiros anos do episcopado de D. Manoel e de suas ações pastorais que se efetiva a proposta circulista no Ceará, em 14 de fevereiro de 1915. As fontes consultadas atribuem ao arcebispo e especialmente ao Pe. Guilherme Vaessen, primeiro Assistente Eclesiástico do Círculo, a responsabilidade pela organização e implantação do circulismo em Fortaleza.

Por ocasião do 25º ano de apostolado episcopal, Dom Manoel da Silva Gomes recebeu numerosas saudações, com ênfase e destaque para o trabalho desenvolvido pelo religioso junto ao operariado cearense, preparando-

o e arregimentando-o, no intuito de solidificar os princípios cristãos para torná-lo “imune” às idéias subversivas:

D. Manoel trouxe para o Ceará a Ação Católica, num tempo em que os deveres eclesiásticos se limitavam, em nosso país, ao campo religioso e a sociedade vivia ao lado da Igreja mas em simples regime de vizinhança. O bispo jovem... inspirado nas novas lições fundamentais de Leão XIII, lançou os seus olhos para a vida e, mais cedo do que muitos outros, preparou o Ceará para as tempestades, que somente depois haveriam de por em risco as bases do mundo cristão. Eis porque as comoções desta última década já encontraram o operariado cearense arregimentado e imune das seduções de doutrina contrária à fé católica.<sup>15</sup>

Nas datas festivas, o circulismo cearense era sempre enaltecido, com especial ênfase para o fato de ter sido essa uma experiência pioneira no Brasil. Assim é que, nas comemorações do aniversário do Círculo Operário de Fortaleza, em 14 de fevereiro, o orador oficial faz o histórico da agremiação, sem esquecer os agradecimentos a D. Manoel e ao Pe. Guilherme Vaessen, primeiro Assistente Eclesiástico deste círculo e, na opinião de alguns, “o fundador do Círculo Operário mais antigo do Brasil”. No 38º aniversário do Círculo Operário de Fortaleza, o senhor Tito Brito, orador oficial, assim se manifestou:

(...) o Ceará que se há colocado a vanguarda das boas iniciativas, pioneiro nas conquistas das causas justas e populares, teve a primazia entre os estados da Federação de ser o berço do circulismo. (...) Para assinalar as atividades circulistas de então, bastaria enumerar por exemplo, a edificação de sua sede própria, à Praça Cristo Redentor, vindo após a instalação de escolas profissionais de sapataria, carpintaria, marmoaria, de alfabetização para menores e adultos, banda de música e cinema e ainda, um conjunto teatral.<sup>16</sup>

Enquanto, nas décadas de dez e vinte, os círculos operários ainda não haviam se projetado em outras regiões do país, no Ceará, essas organizações assumiam importância significativa, expandindo-se para as cidades interioranas e fortalecendo-se nas alianças com outras agremiações católicas, bem como articulando-se com os sindicatos. Sob a coordenação do padre Guilherme Vaessen, tinha início um projeto para congregar as classes trabalhadoras do Ceará, filiadas aos mais diferentes organismos associativos, numa mesma entidade que lhes conferissem uma identidade comum, ou seja, de trabalhadores cristãos que combatiam o ateísmo, o espiritismo e a luta de classes fundamentando-se nos princípios cristãos.

Sobre o assunto, Júlia Miranda afirma:

A fundação do Círculo de Trabalhadores Católicos de São José representa a mais significativa iniciativa da Igreja, no sentido de abrir espaço entre o operariado cearense. Seu diretor, padre Guilherme Vaessen, consegue se articular com os sindicatos e prepara o caminho para a criação, em 1925, da Federação Operária Cearense, precursora da Legião Cearense do Trabalho, que será criada em 1931 pelo tenente Severino Sombra e contando com a liderança incontestada do padre Helder Câmara.<sup>17</sup>

Durante a primeira década, as ações dos círculos operários cearenses ressaltam a preocupação com o propósito de recristianizar os trabalhadores, seguindo uma das linhas de orientação da Igreja da neocristandade. Com essa preocupação, estes combatem qualquer entidade que desfralde a bandeira da luta de classes. A imprensa socialista responde aos ataques com veemência e, de um lado e de outro, duras críticas são veiculadas nos jornais. Os socialistas, que, pejorativamente, os alcunhavam de “carneirada do circo”<sup>18</sup>, vêem-nos como uma massa inconsciente, manipulada pela Igreja. Em resposta às críticas formuladas pelos circulistas, especialmente aos padres que orientavam a organização, os editores da *Voz do Graphico* manifestam que são:

(...) obrigados a vir defender o nosso ideal que, nesse momento, está sendo ridicularizado e combatido pela carneirada inconsciente do Circo de Operários e Trabalhadores São José, a qual não peja de andar pelas ruas da cidade, conforme registramos em número anterior, cantando uma versalhada toda mal começada e mal acabada, sem beleza, sem arte, sem métrica e, pior que tudo isso, sem verdade.<sup>19</sup>

No sétimo aniversário do Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos de Fortaleza, a *Voz do Graphico*, órgão da Associação Gráfica do Ceará, imprensa de orientação socialista, faz irônico comentário acerca do caráter das comemorações, reafirmando que o trabalho desenvolvido pelos padres mantém os operários sob o poder da Igreja. Apresentam ainda a visão de que o trabalhador circulista compõe uma massa inconsciente e, por isso, repreendem energicamente a atitude dos padres, vista como mantenedora da falta de consciência de classe dos circulistas:

A 14 do corrente mês, em um dia de terça-feira, à luz de miríades de lâmpadas elétricas bafejadas pelo esplendor do *Santíssimo Espírito Santo*, que baixou dos céus à terra para assistir à solenidade que esta *benemeretíssima e humanitária* (vôte) sociedade operária fez, teve lugar, para satisfação e orgulho de quantos

acreditam ainda na grandeza de seu futuro, a comemoração de mais um dos seus aniversários nos anais da vida associativa de Fortaleza. (...) Usando da palavra, o padre Zaul Pedreira (...) teve a idéia de bordar comentários a respeito da nossa atitude, por que não nos sujeitamos ao guante dos seus caprichos e ao arrocho de suas explorações. [...] Queremos, sim, que os senhores padres e as outras castas exploradoras deixem de explorar as massas inconscientes que, infelizmente, ainda acreditam na sua adocicada cantiga, indo ao campo trabalhar, e que demais classes produtoras compreendam qual seja a nossa vontade e o nosso desejo.<sup>20</sup>

Em 1922, os circulistas enfrentam, em parceria com as Filhas de Maria, do Colégio da Imaculada Conceição, e a Liga das Senhoras Católicas e outras organizações, uma grande empreitada: construir a coluna do Cristo Redentor. A idéia de construir uma estátua em homenagem ao Cristo Redentor era alimentada no Brasil desde os primeiros anos do século XX, mas, somente na segunda década deste século, ganhou força. Em 1925, D. Sebastião Leme compõe, juntamente com Hélio Silva Costa, engenheiro arquiteto do Projeto, a comissão que iria desenvolver os trabalhos para a construção do Cristo Redentor no Corcovado.

No Ceará, a benção da pedra fundamental da Coluna do Cristo Redentor ocorre em 23 de julho de 1922, na antiga Praça Senador Machado ou Largo da Prainha. O evento contou com a participação de autoridades civis, eclesiásticas e a presença maciça de circulistas. A obra, que é concluída ainda em 1922, inclui-se nos pontos altos das comemorações do centenário da independência. Ao incentivar a construção da coluna do Cristo Redentor, a Igreja cearense, por meio das classes trabalhadoras, demonstra o porte da ação católica neste Estado, saudando Jesus Cristo como o “Senhor das Nações”. Situada entre a Sede do Círculo de Trabalhadores Cristãos e o Seminário da Prainha, simboliza a força da Igreja na arregimentação dos trabalhadores e a vitória de um ideário que recoloca a presença de Cristo como exemplo, guia e fonte de inspiração para os trabalhadores cearenses.

Em 1925, no décimo aniversário do Círculo de Operários e Trabalhadores Cristãos de Fortaleza, os circulistas comemoraram as principais atividades realizadas e os projetos em andamento. O suntuoso edifício-sede do Círculo e a coluna do Cristo Redentor estavam entre os projetos que mais exigiram esforços dos circulistas. Orgulhavam-se os sócios do Círculo de terem fundado o 2º cinema católico do Brasil, o Cine São José. Em 18 de janeiro desse mesmo ano, ocorreram as eleições para a nova Direção do Círculo. Na posse, em 17 de fevereiro, o Círculo apresentou um balanço de suas ações onde constava: a manutenção de Caixa de Socorro sustentando nove pessoas

inválidas, Caixa de Sinistro e Mutuaria; Escola noturna para os filhos dos operários, no bairro do Outeiro, com matrícula de 59 alunos nesse mesmo ano, sendo que os professores eram os próprios operários, pois aqueles que já haviam recebido instrução escolar, ocupavam-se da alfabetização dos demais; mantinham uma banda de música com aulas teóricas e práticas, pelo menos três vezes por semana, para um grupo de 20 pessoas; no ensino profissional, o Círculo oferecia duas escola-oficinas: a de carpintaria e sapataria, ambas inauguradas em 24 de julho de 1922. As oficinas recebiam subvenções federais para custeio das despesas com equipamentos e matéria-prima.

O trabalho doutrinário junto às crianças e adolescentes, filhos de operários e, portanto, futuros operários, era demasiado importante na formação moral dos trabalhadores, nos moldes que a Igreja Católica definia como essencial para a vitória do projeto cristianizador. O padre Gumercindo Sampaio, diretor dos aspirantes, ressalta a relevância desse trabalho educativo com as crianças que assim se tornariam grandes defensores dos interesses da família, da religião e da pátria.

Ainda em decorrência das atividades comemorativas, em alusão ao décimo aniversário do Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos de São José de Fortaleza, foi realizada uma conferência com o tema: “*Formação Católica como fator de Paz Social*”. O conferencista, Andrade Furtado, ex-presidente do Centro Católico de Fortaleza, exalta o trabalho de cunho educacional e moral, desenvolvido pelo Círculo. O jornal *O Nordeste*, expressando as considerações de Andrade Furtado, divulga que o conferencista:

Fez notar que, ao lado do cultivo das virtudes, havia ali uma escola, onde se aprendia a ler, a escrever, a contar, a amar a pátria; a ser cidadão digno desta Terra de Santa Cruz, que os maus políticos querem arrastar à anarquia e ao esfacelamento. “Mostrou com a autoridade de Leão XIII, que não há solução para o problema social fora dos ensinamentos da Igreja.”<sup>21</sup>

Em dez anos, o Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos de Fortaleza contava com a filiação de onze outras organizações circulistas, algumas situadas na capital e outras em municípios interioranos, onde predominava a atividade agrícola, o que permite afirmar que, no Ceará, o nascimento dos círculos não está condicionado às regiões industrializadas.

Assim, embora alguns desses círculos estivessem localizados em municípios em franco desenvolvimento comercial e com significativo número de fábricas, em muitas outras localidades, não havia sequer um incipiente operariado fabril. Segundo Agenor Júnior, o fato de Sobral localizar-se entre

Fortaleza e Camocim, duas cidades portuárias e de onde afluem as idéias socialistas, estimulou o bispo, D. José Tupinambá da Frota, a organizar os trabalhadores sobralenses na organização circulista.

Os Círculos Operários, no Ceará, transformam-se num dos mais vigorosos movimentos de todo o país. No ano de 1950, o Ceará era um dos Estados com maior número de Círculos Operários.<sup>22</sup>

Com base na trajetória do circulismo no Estado do Ceará, bem como no seu desempenho em nível nacional, corroboro as afirmações de Jessie Jane para quem, 1946-1964 representa a mais próspera época do circulismo. O VI CONGRESSO NACIONAL DOS CÍRCULOS OPERÁRIOS, realizado no Rio de Janeiro de 19 a 25 de junho de 1950, apresentou um significativo crescimento dos círculos operários no Brasil. Os relatórios do VI CONGRESSO apontam que, no período de 1946 a 1950, haviam surgido quatro novas federações e as organizações circulistas passaram de 221 para 275. Vejo, portanto, que não é válida a generalização feita por alguns pesquisadores do circulismo que aponta o ano de 1945 como sendo da ruptura, seguido da decadência do circulismo no Brasil.

Encontramos estudos que evidenciam o declínio da organização circulista com o fim do Estado Novo. Alguns desses são abordagens generalizantes, como é o caso do estudo de Wiarda, que afirma que a queda de Vargas, em 1945, fez o movimento circulista declinar. Outros, porém, são pesquisas realizadas em âmbito municipal, como o estudo sobre os Círculos Operários do Recife, no qual Miranda defende a idéia de que a decadência do circulismo estava associada à desestruturação do Estado Novo, uma vez que o autor relacionou a contínua redução das atividades circulistas no Recife, entre 1944 e 1946.<sup>23</sup>

Apesar de registrar-se o insucesso de algumas organizações circulistas, em determinados locais, temos outras realidades que apontam uma trajetória inversa, ou seja, da continuada ascensão dos Círculos Operários após o fim do Estado Novo. O Ceará é, pois, exemplo do processo de expansão circulista. A organização circulista cearense promove não somente o surgimento de novos círculos e núcleos circulistas, mas também a ampliação do projeto circulista e o fortalecimento de sua base de atuação, com o estabelecimento de complexa rede de colaboração e parcerias nas diversas instâncias do poder estatal, bem como relações com organizações civis e religiosas.

Decerto que o alvo principal do circulismo foram os locais de maior agrupamento de operários, onde a Igreja tentava colocar uma barreira para a infiltração comunista. Todavia, no Caso do Ceará, a proposta circulista se estendeu ao interior do Estado, em áreas não industrializadas onde

predominava a atividade agrícola, sendo, portanto, a maioria dos associados composta por trabalhadores rurais. No ano de 1953, a Federação dos Círculos Operários do Ceará divulga a relação dos Círculos Operários deste Estado. Era um total de 88 Círculos Operários: 18 Círculos Operários na Capital e os outros localizados em 70 municípios interioranos.<sup>24</sup>

Compreendo, portanto, que os vieses da produção circulista indicam lacunas que somente serão supridas com a constituição de novas pesquisas sobre o tema, tendo em vista que, dentre outras questões, a pesquisa historiográfica sobre o circulismo concentra-se nas regiões industrializadas.

Considero de relevante importância os estudos sobre os círculos operários para a compreensão da história dos trabalhadores no Brasil, uma vez que estes foram experienciados por uma parcela significativa da classe trabalhadora em todo o país. Os circulistas mantinham ainda estreitos vínculos com outras entidades – leigas, eclesiais e sindicais – construindo relações ricas e complexas, que podem nos oferecer uma melhor visão, em extensão e profundidade, da história dos trabalhadores, nos seus múltiplos espaços. O circulismo apresenta-se inequivocamente como um tema com diversas possibilidades de realização de muitas descobertas sobre suas origens, trajetória, especificidades regionais, sujeitos históricos, mediações com outras organizações dos trabalhadores e ações no campo da cultura.

A concretização de futuras pesquisas sobre o circulismo, com novos recortes (cronológicos e geográficos), permitirá interpretar com mais clareza os seus significados para os trabalhadores da época, bem como os câmbios pelos quais passou o movimento.

## NOTAS

<sup>1</sup> PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. Cruzando Fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. In: Gomes, Ângela Maria Castro (org.) *Trabalho, cultura e cidadania: um balanço da história social brasileira*. São Paulo: Scritta, 1997, p.85-103.

<sup>2</sup> PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz, op. cit., p.89-90.

<sup>3</sup> BARRETO, Álvaro. Uma avaliação da produção historiográfica sobre os Círculos Operários. *Anos 90*, Revista do Programa de Pós-Graduação em História, nº 7, julho, p. 127-147. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

<sup>4</sup> BARRETO, Álvaro, op. cit., p. 143

<sup>5</sup> BARRETO, Álvaro, op. cit., p. 135.

<sup>6</sup> SOUSA, George Evergton Sales. *Entre o Religioso e o Político: uma história do Círculo Operário da Bahia*. Salvador, 1996. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal da Bahia; FARIAS, Damiano Duque de. *Em defesa da ordem: aspectos da prática conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930-1945)*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998; SOUSA, Jessie Jane Vieira de. *Círculos Operários: a Igreja Católica e o*

*mundo do trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

<sup>7</sup> STUDART, Barão de. *Datas e factos para a História do Ceará*. Edição fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.

<sup>8</sup> MIRANDA, Júlia. *O Poder e a Fé: discurso e prática católicos*. Fortaleza: Edições UFC, 1987.

<sup>9</sup> MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *O Integralismo no Ceará: variações ideológicas*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1986; \_\_\_\_\_. *O Trono e o Altar: as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará (1817-1978)*. Fortaleza: BNB, 1992.

<sup>10</sup> MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *O Integralismo no Ceará: variações ideológicas*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1986, p.24.

<sup>11</sup> PEREIRA, Adelaide Maria Gonçalves. *A Imprensa dos Trabalhadores do Ceará, de 1862 aos anos de 1920*. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2001.

<sup>12</sup> Sobre o assunto, consultar MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *O Trono e o Altar: as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará (1817-1978)*. Op. cit.

<sup>13</sup> Carta Pastoral de D. Manoel da Silva Gomes – Saudando seus Diocesanos – 08 de dezembro de 1912. Arquivos do Seminário da Prainha.

<sup>14</sup> *O Nordeste*, ano I, 05.07.1922.

<sup>15</sup> *Diário da Noite*, 27.10.1936. (Austregésilo de Athayde)

<sup>16</sup> *A Fortaleza*, ano III, nº 117, 15.02.1950. Fortaleza.

<sup>17</sup> MIRANDA, Júlia. *O Poder e a Fé: discurso e prática católicos*. Op. cit.

<sup>18</sup> *Voz do Graphico*, ano II, nº 18, 28.01.1922.

<sup>19</sup> Idem. A “versalhada” que o jornal se refere é o Hino dos Sindicatos Cristãos, sempre entoado nas passeatas circunistas. Ainda neste mesmo número o jornal publica o Hino e uma paródia que objetiva rebater às críticas e apresentar os princípios defendidos pelos socialistas. Nos anexos da pesquisa seguirão o Hino e a Paródia.

<sup>20</sup> *Voz do Graphico*, ano II, nº 20, 25.02.1922.

<sup>21</sup> *O Nordeste*, ano IV, nº 794, 19.02.1925.

<sup>22</sup> *A Fortaleza* ano II, nº 52, 29.09.1951. O jornal divulga os dados colhidos do Mapa estatístico organizado pela CNOC em 1950: em 1º lugar: São Paulo – 53 CC.OO; 2º lugar: Rio Grande do Sul – 33 CC.OO; 3º lugar: Ceará – 30 CC.OO. Ocorre que o Ceará tinha, em 1950, 78 Círculos Operários, no entanto apenas 30 preencheram o Mapa e o remeteram a tempo de figurar na resenha da CNOC.

<sup>23</sup> MIRANDA, Carlos. A questão social e os Círculos Operários do Recife. *Clio*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. Série História do Nordeste, Nº 16, 1996. Observa-se nesta passagem o definhamento dos Círculos Operários na capital pernambucana: “De acordo com o relatório da Assembléia Geral do COR, realizada em janeiro de 1944, e apresentada por seu presidente, Severino Venceslau da Silva, constata-se o declínio das atividades circunistas, com o fechamento dos Núcleos de Tejipió, Torre, Iputinga e suas respectivas escolas de assistência educacional. Evidencia-se, mais ainda, a queda dos CCOO, no relatório de 1946 do COR, apresentado pelo seu presidente, quando do fechamento dos Núcleos de Tamarineira, Gameleira e Campo Grande, juntamente com suas respectivas escolas, restando em atividade, apenas, o Núcleo do Prado.”(p. 37)

<sup>24</sup> *A Fortaleza*, ano III, nº 139, 26.07.1953.